

TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS DE VELHICE NO BRASIL

Myriam Moraes Lins de Barros

Introdução

Este artigo procura traçar um percurso dos estudos de velhice desenvolvidos no campo da antropologia urbana no Brasil. Embora, hoje, a questão da velhice tenha abarcado várias áreas de conhecimento, como a sociologia, a demografia, a história, a psicologia e a psicanálise, foram os estudos antropológicos que abriram o caminho e apresentaram a questão da velhice como um objeto de investigação, procurando responder a várias indagações, como os significados e práticas sociais referentes às idades ao longo do curso da vida e a própria sociedade urbana contemporânea.

Este percurso não se dá isolado dos processos sociais e é neste sentido que inicio este artigo com a referência a um filme brasileiro de Cacá Diegues, um dos representantes do cinema novo. Em 1978 o filme *Chuvas de Verão* de Cacá Diegues é lançado no mercado nacional.¹ O personagem principal do filme, Afonso, interpretado por Jofre Soares, é um recém-aposentado morador em um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro, cortado pela linha de trem da Central do Brasil. Depois de uma festa de despedida feita pelos colegas de trabalho em um escritório no centro da cidade, Afonso vai para casa para começar seu novo tempo de vida como aposentado. Sua expectativa para este período pode ser resumida na cena em que ele abre a gaveta da cômoda, pega um pijama listrado e, vestido de pijama, sai para dar uma volta pelo bairro com a intenção de nunca mais precisar tirá-lo. Como se fosse um ritual de passagem para o novo momento da vida, Afonso está agora investido de sua nova função que, a princípio, seria uma não-função, ou o ócio, como está escrito na faixa que a vizinhança apresenta ao recebê-lo, em casa, no seu último dia de trabalho. Mas não é bem isto que acaba acontecendo. Uma série de acontecimentos turbulentos e dramáticos vai dar uma guinada em sua vida. A filha o convoca para flagrar o marido em uma orgia, maquiado e vestido de mulher. O vizinho, velho como Afonso, se entrega à polícia depois de se confessar o pederasta-assassino procurado pela polícia. Ao mesmo tempo, Afonso descobre que sua vida sexual não acabou e, em uma cena pouco esperada para os padrões da época quanto ao comportamento sexual na velhice, aparecem os personagens interpretados por Jofre Soares e por Miriam Pires em uma cena de sexo. A vidinha do subúrbio carioca do botequim, da malandragem e das conversas de portão é eclipsada por uma onda densa de desejos e perversões represada até então.

1 Antes de *Chuvas de Verão*, Cacá Diegues já havia dirigido vários filmes importantes do cinema brasileiro daquele momento. Foi responsável por um dos episódios de *Cinco Vezes Favela* em 1962, dirigiu *Ganga Zumba* em 1964, *A Grande Cidade* em 1966 e *Joana Francesa* em 1966. As músicas de Erasmo e Roberto Carlos, Jararaca, Waldir Azevedo, Paulinho da Viola e Erivelto Martins compõem a trilha sonora do filme, que tem no elenco, além de Jofre Soares e Miriam Pires, um grupo de atores como Daniel Filho, Marieta Severo e Paulo César Pereio, configurando um cenário da arte cinematográfica daquele momento.

Para Afonso e os velhos de sua geração a aposentadoria está associada à velhice e a um conjunto de imagens negativas e estigmatizantes dessa fase da vida, como a perda dos espaços de sociabilidade constituídos a partir do mundo do trabalho, a falência da saúde e da força física e mental. A promessa de satisfação em usufruir seu próprio tempo mistura-se com o medo deste momento que lembra fim de vida e, desta forma, a velhice, assim como a aposentadoria, acaba se configurando como uma morte social. Mas em *Chuvas de Verão* é o próprio personagem que descobre um outro caminho para viver esta fase da vida.

Chuvas de Verão é lançado no momento em que iniciei a pesquisa de campo sobre velhice de mulheres. Na década de 1970, a velhice e o envelhecimento não estavam nas pautas dos jornais e nas telas da televisão como hoje e não eram, ainda, temas francamente debatidos nos espaços públicos e na academia. Viviam-se com uma imagem do país como um país jovem, imagem que é reforçada nos governos militares com os slogans como o famoso “Prá Frente Brasil!”, que subentendia uma nação com grande futuro pela frente e onde as características demográficas de um enorme contingente de jovens e crianças asseguravam as bases para a legitimidade desta imagem.

A narrativa do filme, por sua vez, sugere aproximações temáticas e de sensibilidade com as pesquisas antropológicas sobre velhice no Brasil. Assim como a crônica, definida por Antonio Candido (1982) como o gênero literário que fala da vida ao rés-do-chão, a linguagem das imagens e das falas de *Chuvas de Verão* apresenta a história da vida cotidiana de um homem comum inserido em seu meio social. No cenário de um subúrbio carioca, Cacá Diegues trata, na linguagem do cinema, de algumas das temáticas com as quais a antropologia das sociedades complexas contemporâneas desenvolve a análise das relações sociais neste contexto: a heterogeneidade das trajetórias de vida, o campo de possibilidades para a realização de projetos e construção de narrativas de lembranças; a pluralidade de mundos sociais; as diferenças e desigualdades de classe, gênero e geração, e a sociabilidade e as interações sociais nos espaços público e privado.

Do conjunto das questões levantadas acima, serão ressaltadas duas em um primeiro momento: a primeira trata das mudanças das percepções da trajetória de vida dos indivíduos em função das situações sociais relativas à classe, ao gênero e à geração. E a segunda diz respeito às mudanças geracionais que vão marcar o ethos e a visão de mundo de uma geração para a outra.² Para apresentar estas questões, será examinado um conjunto de pesquisas sobre memória, identidade social, projeto de vida, família e velhice; desta maneira pretende-se delinear o campo teórico e metodológico onde se situam estas discussões que, em última instância, estão enfocando a relação entre indivíduo e sociedade.

A antropologia urbana no Brasil na década de 1970³ trabalhava a cidade moderna baseada nas leituras dos autores da Escola de Chicago, e desenvolvia

2 Segundo Clifford Geertz (1978), *ethos* refere-se aos aspectos morais e estéticos de uma cultura. A visão de mundo designa o conceito de natureza, de sociedade, são os aspectos cognitivos de uma cultura.

3 Refiro-me especificamente às pesquisas coordenadas por Gilberto Velho e desenvolvidas no programa de pós-graduação em serviço social/Museu Nacional/UFRRJ, onde me inseria como mestrandia em 1975.

as discussões em torno das relações sociais que se davam nos contextos urbanos contemporâneos, privilegiando a temática da relação entre indivíduo e sociedade. Esta questão básica é examinada a partir de uma perspectiva etnográfica, em que a cultura é compreendida como sistema de símbolos e significados que, construídos socialmente, organizam a ação e a experiência humana, revelando o caráter processual e histórico da cultura, e definindo a pesquisa antropológica como a interpretação dos significados presentes nas atividades humanas. Clifford Geertz e Marshall Sahlins eram (e ainda são), neste sentido, as referências básicas na análise cultural.

Ainda nesta década de 1970 o debate sobre identidade social e, nas pesquisas na área urbana, a discussão sobre desvio social e estigma, com os trabalhos de Erving Goffman e Howard Becker, estiveram no centro das questões sobre as relações sociais nas grandes cidades. Ao mesmo tempo, há uma sensibilidade para novas formas de organização social e de expressões das identidades sociais numa sociedade em processo de franca transformação em suas mais diferentes esferas. Neste sentido, os trabalhos de Louis Dumont, Georg Simmel e, mais proximamente, Gilberto Velho compõem o quadro das contribuições teóricas para os debates em torno do individualismo e da ideologia individualista da sociedade moderno-contemporânea e são fundamentais para a construção das referências teóricas.

Memória e projeto

Memória e projeto de vida são noções relacionadas. Elas recobrem algumas questões relativas às definições de indivíduo na sociedade contemporânea e às relações entre as percepções de tempo e de indivíduo.⁴ O tempo do curso de vida, do nascimento à morte; o tempo do passado elaborado pelas lembranças; o do futuro vislumbrado na construção de projetos de vida, todas estas temporalidades estão conjugadas com outra dimensão do tempo, o tempo da biografia de cada indivíduo que, na sociedade moderna, é capaz de se perceber como uma trajetória e, ao mesmo tempo, como parte de uma história que o engloba e que ele mesmo constrói.

Embora haja uma idéia difundida socialmente de que não cabe aos velhos ter planos para o futuro, mostro na pesquisa baseada em depoimentos de mulheres de mais de sessenta anos, católicas e das camadas médias do Rio de Janeiro, que a velhice não impede a elaboração de projetos (Lins de Barros, 1981; 2003). Ao contrário, é a própria percepção da velhice como o último momento de vida que torna possível a formulação e execução de um projeto de vida.

4 Gilberto Velho articula memória e projeto para compreender a constituição da identidade na sociedade moderna contemporânea. Para ele: "O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. Ou seja, na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e os projetos individuais são amarras fundamentais" (Velho, 1994: 101).

Estas mulheres faziam parte do núcleo mais denso de uma rede social formada por católicas que se conheciam mais ou menos desde a década de 1950. Desenvolviavam suas relações tendo a figura carismática de D. Hélder Câmara como referência. E em função destes conhecimentos e interações, participaram ativamente dos processos de mudanças de orientação da Igreja Católica ao longo dos anos. Embora as atividades realizadas junto à Igreja (Conselho Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB e Banco da Providência)⁵ estivessem presentes ao longo de suas vidas, na velhice estas atividades ganharam uma nova significação e uma intensidade que acabei apreendendo como o último projeto de vida.⁶ O grupo foi fundamental para a concepção do projeto e para construção da identidade de uma velhice ativa, pautada na idéia de uma militância e da execução de uma missão realizada intensamente quando se percebeu o próprio limite da vida. A missão definida como a transmissão de conhecimentos acabou sendo compreendida como um ajuste de contas, garantindo à trajetória de vida um caráter de completude.

A percepção destes limites é realizada a partir de códigos de linguagem que são socialmente construídos pelo grupo. Diferentemente das mulheres de sua geração e dos mesmos segmentos sociais de camadas médias, as mulheres pesquisadas tiveram o trabalho como referência. A trajetória de vida dimensionada pelo trabalho externo à casa é, portanto, a base para a compreensão do projeto, cuja formulação pressupõe a reconstrução da biografia. Este é o momento em que, dentro das possibilidades pautadas pelo presente e pelo significado dado à própria trajetória, o indivíduo planeja suas ações. A noção de um indivíduo consciente de si é básica para a construção do projeto e, no caso analisado, esta mulher quer dar seu testemunho de vida através da memória de suas experiências e se considera pronta para intervir na sociedade através do trabalho e de atividades profissionais cujo valor é exacerbado com o próprio projeto na velhice.

No caso destas mulheres, a percepção do limite para a execução do projeto não é necessariamente a morte biológica mas a morte social, aquela que retira do indivíduo sua autonomia e sua independência, sua condição de agir plenamente como indivíduo. A dimensão da percepção da individualidade é parte da configuração dos valores da modernidade. A margem de opções para que este indivíduo perceba-se como autor ou autora de sua própria biografia é dada pelas possibi-

5 O Banco da Providência é uma instituição filantrópica da arquidiocese do Rio de Janeiro. Foi fundado por D. Hélder Câmara em 1959, e a Feira da Providência iniciou suas atividades anuais um ano depois. O Banco tinha como objetivo mobilizar a sociedade em torno dos problemas relativos à pobreza, através da realização de uma grande feira anual cuja renda estava destinada aos trabalhos de assistência e promoção humana ao longo do ano. As primeiras-damas dos estados da federação brasileira e dos consulados estrangeiros compareciam com seus produtos típicos para serem vendidos; da organização faziam parte as damas da elite carioca, representantes das forças armadas, do comércio e da indústria. A Feira da Providência é, ainda hoje, um evento da cidade do Rio de Janeiro, que durante cinco dias mobiliza os mesmos segmentos sociais que estavam presentes no momento de sua criação.

6 Pode-se caracterizar as posições assumidas pelas mulheres como vanguardistas dentro do cenário de mudanças por que passava a Igreja naquele momento, definindo-se pela humanização e pela luta a favor de mudanças da ordem social e econômica.

lidades sociais e culturais. O campo de possibilidades vai definir, assim, o quadro de ações e de representações sociais das trajetórias de vida.

Como experiência circunscrita à sociedade moderno-contemporânea, a formulação dos projetos exige do indivíduo a definição de escolhas. Há, portanto, um processo seletivo entre vários caminhos a seguir dentro de um campo de possibilidades dado pela sociedade. Quem faz as opções e define seu futuro acredita que tem alguma forma de controle sobre sua trajetória. Bourdieu (1996) denomina esta noção de controle sobre as situações da trajetória de vida de ilusão biográfica, processo de construção de sentido para as experiências em uma linearidade histórica nos traços, até então, isolados da vida.

Trajetoária de vida e experiência

O momento da vida e o lugar social que cada indivíduo ocupa no presente fundamentam a representação da própria trajetória de vida, como vimos na formulação dos projetos e como está presente na construção das memórias. A experiência de vida, valorizada pelos mais velhos como um dos poucos ganhos da velhice, é o fundamento da narrativa da memória e, do ponto de vista de quem lembra, a experiência é uma interpretação de seu passado. Mas a experiência e a memória devem ser estudadas, não na sua essência mas no processo de sua construção pelos sujeitos sociais. O trabalho de entendê-las é uma outra interpretação, agora uma interpretação da produção do conhecimento trazido pela narrativa das lembranças.⁷

A presença do grupo social é imprescindível para o desencadear da memória e para sua própria constituição. A memória é resultado, assim, de relações sociais. As lembranças são construções do presente, feitas e refeitas nas interações sociais, nos diferentes contextos sociais e narradas a partir de perspectivas distintas que dependem da situação social em que o narrador se encontra quando transmite suas experiências de vida. Neste sentido, a memória é relacional e situacional. Lembrando Walter Benjamin, Ecléa Bosi (1979) mostra que na raiz do significado da memória está a idéia do conselho. A memória construída por indivíduos seria, assim, o conselho fundamentado na experiência de vida. Quem transmite suas lembranças é, na verdade, um mediador entre gerações. É alguém que se percebe como conhecedor das transformações porque as viveu e seus depoimentos são uma apreensão das mudanças sociais, como as que estão aparentes nas marcas da cidade, nas relações de trabalho, na família e nas relações de gênero. Resgata-se, desta forma, a idéia da memória como sendo uma sugestão para a continuação da história que está sendo narrada. E enfatiza, também, a comunhão de sentidos e de linguagem entre o narrador e o ouvinte, inseridos nos diferentes contextos da sociedade complexa.⁸

Como elaboração realizada no presente, a memória faz um trabalho seletivo

7 Sobre a discussão teórica sobre experiência, ver Joan W. Scott (1999).

das lembranças. A seleção é realizada a partir das referências sociais do narrador. Deste modo, as condições e situações de classe, o pertencimento a grupos sociais, a definição dos lugares atribuídos a homens e mulheres, a trajetória no trabalho e na família são alguns elementos para tratar as memórias como reconstruções seletivas das lembranças. Estas referências sociais ou, como Halbwachs (1968) as define, estes quadros sociais são o fundamento social da memória individual. Assim, o indivíduo só pode ter memória de seu passado enquanto membro do grupo e, se entendemos que cada um traz, em si, uma forma particular de inserção nos diversos mundos em que atua, inserção que muda ao longo da vida, as memórias individuais são, portanto, pontos de vista da memória coletiva, entendida como a memória vivida do grupo social.

Gerações e a experiência na cidade

As lembranças têm também o caráter eminentemente geracional. Para Mannheim (1982), pertencer a uma mesma geração proporciona aos indivíduos uma situação comum no processo histórico e social. Ser de uma mesma geração não diz respeito apenas ao fato de indivíduos conviverem em um mesmo momento histórico, mas estarem em uma posição específica para se viver determinados acontecimentos. A “tendência inerente a uma situação social”, segundo Mannheim, predispõe os indivíduos a um certo modo de experiência e de pensamento. As trajetórias de vida, assim como os projetos e a memória elaborados pelos indivíduos, têm uma circunscrição histórica e cultural que se apresenta diferentemente para cada geração.

As referências às mudanças sociais contidas na noção de geração se expressam nas trajetórias de vida quando focalizamos situações e posições sociais que se mostraram fundamentais para a identidade dos indivíduos entrevistados nas diferentes pesquisas. A condição feminina da geração que viveu a juventude nas décadas de 1930 e 1940; a socialização no trabalho realizada no mesmo período; o início do reconhecimento do mapa físico e simbólico da cidade do Rio quando esta era a capital do país; a experiência da paternidade e da maternidade, todas estas situações trazem as marcas geracionais das lembranças de mulheres, de trabalhadores e de moradores do Rio de Janeiro.⁹

A cidade aparece, neste sentido, ao mesmo tempo como espaço social constitutivo e construído pelas relações sociais no mundo moderno e como tema das histórias de vida dos narradores, permitindo uma viagem histórica da vida urbana, aproximando os textos das lembranças a uma literatura brasileira que tem o Rio de Janeiro como palco dos dramas e das crônicas.

8 Estou trabalhando com a noção de sociedade complexa contemporânea proposta por Gilberto Velho. As sociedades complexas são marcadas pela “heterogeneidade e variedade de experiências e costumes, contribuindo para a extrema fragmentação e diferenciação de domínios e papéis, dando um contorno particular à vida psicológica individual” (Velho, 1981: 17).

9 Ver em Lins de Barros (1997b, 1999, 2001, 2006) as referências às pesquisas onde estão desenvolvidas estas questões.

“No meu tempo”, expressão recorrente nas narrativas de lembranças, incorpora o contraste entre um bom tempo do passado e o momento presente de insatisfação com as mudanças na vida familiar, nos costumes, nos espaços públicos da cidade. Nas falas, predomina o sentimento de rejeição e de não pertencimento ao mundo atual.

O tom nostálgico de perda de uma cidade mais amena para viver é uma idealização da vida pública no passado. Há um sentimento de estranhamento na percepção de ausência de limites e de hierarquias nas relações interpessoais que ocorrem nas ruas e dentro de casa. Da mesma forma, não se reconhece mais espaços urbanos transformados pelas reformas da cidade que dificultam sua identidade com a própria cidade e com seu passado.

A violência é um elemento atual para contrastar tempos diferentes e mostrar, neste contraste, a imagem de uma cidade onde se poderia transitar sem medo. A violência está associada, nas narrativas, à ausência de autoridade nos espaços públicos e privados e à imagem de caos onde os limites e as hierarquias são desrespeitados, colocando em xeque os valores da modernidade e a idéia dos direitos modernos e, ao mesmo tempo, os da hierarquia com suas regras de sociabilidade tradicionais, desrespeitadas pela idéia de que as pessoas e os grupos sociais não sabem mais seus lugares na cidade.¹⁰

A segregação espacial, as desigualdades de classe, a pobreza, as próprias dificuldades de inserção nos espaços da vida urbana e de conquista aos direitos à cidade ficam atenuados frente ao contraste com a experiência contemporânea, agora que estão velhos e que estar na cidade exige estratégias de enfrentamento aos perigos urbanos, identificados na violência das ruas. A imagem do mapa urbano é feita e a sociabilidade é comprimida nos espaços da vizinhança.¹¹

Esta mesma ênfase no dilaceramento nas experiências, conseqüência do medo e da desordem urbana que mudam os trajetos e as experiências de vida está presente, também, nos depoimentos de velhos moradores de Porto Alegre, conforme analisa Cornélia Eckert (2002). Este tom das narrativas é uma das possíveis versões da relação dos velhos com a cidade. Dependendo de outros contextos e de outras motivações para narrar as lembranças, outras tonalidades podem surgir e as transformações dos espaços públicos consideradas tão disruptivas da sociabilidade urbana podem ser eclipsadas por outros enfoques e por outros caminhos de identificação com o espaço da cidade.

A marca geracional das lembranças da cidade está situada, também, nas distinções de especializações de formas de sociabilidade urbana. Enquanto assistimos, hoje, ao aparecimento de subcentros urbanos, o centro da cidade é, para esta geração nascida na segunda e terceira décadas do século XX, o espaço que concentra uma maior e mais plural significação. O centro representa o mundo do trabalho; o pólo de atrações culturais e de lazer, com os teatros, as confeitarias; o espaço do comércio mais elitizado e ao mesmo tempo mais diversificado; o contraste entre as

10 As discussões sobre os valores hierárquicos e individualistas na sociedade brasileira encontram-se em Roberto Da Matta (1979).

11 Ver Andréa Moraes Alves (2001).

classes nos ambientes de trabalho e nas ruas; o centro das decisões e da vida política; as experiências com o que havia de novo e com o que era considerado mais moderno.

O espaço urbano mais marcado nas lembranças, além do centro da cidade, é a vizinhança onde desenvolviam suas relações de amizade e onde a família estava inserida. Sobre estas áreas da cidade desenvolve-se grande parte das narrativas da infância e juventude de homens e mulheres. A recordação das casas onde se passou a infância, dos terrenos baldios onde se jogava futebol, das ruas e bairros vizinhos onde moravam os amigos, das casas onde se encontravam para as festas e para namorar são algumas das recordações detalhadas desta fase da vida. As lembranças de outros espaços da cidade associam-se a outras formas de lazer, como os bailes em clubes, os cinemas dos bairros e da Cinelândia,¹² ou as grandes festas populares como o Carnaval, presente em todos os relatos, ou as festas religiosas como a de Nossa Senhora da Penha (Lins de Barros, 1997a).

Mulher e memória

A questão da mulher e a perspectiva feminina vão surgir em diferentes depoimentos nas pesquisas realizadas (Lins de Barros 1997a; 1999; 2006), trazendo quer uma visão positiva do passado, quer uma recordação crítica de sua trajetória de vida. As diferenças sensíveis entre os relatos de homens e mulheres surgem no momento em que os domínios além da vizinhança parecem interditos às mulheres casadas e com filhos que se ficam restritas ao espaço da casa.

O casamento marca para as mulheres uma transformação nas lembranças do espaço da cidade e das relações desenvolvidas fora do contexto familiar. A riqueza das recordações do breve período de tempo em que trabalharam fora dos limites da vizinhança contrasta com a economia de palavras para descrever os anos passados a parir, a criar filhos, a vê-los crescer e a trabalhar nos limites físicos da casa e dos interesses da família. As lembranças das experiências de trabalho se misturam com a memória dos espaços da cidade e representam, para as mulheres desta geração, as possibilidades não realizadas de autonomia e independência frente à família. Esta discrepância é sentida de forma particularmente forte nas narrativas das mulheres das classes trabalhadoras e dos segmentos mais pauperizados das camadas médias. Para estas, o retorno à casa e às atividades a ela referidas era sinônimo de um extenuante trabalho doméstico que se misturava com a “ajuda” ao marido.

As narrativas se adensam quando se amplia o panorama da cidade, quando os percursos e circuitos urbanos deixam os limites mais próximos da vizinhança. A ênfase no contraste entre o que percebem como uma abertura de seus círculos de

12 A Cinelândia é o espaço no centro do Rio de Janeiro, no final da avenida Rio Branco. A Cinelândia recebeu esta denominação em função da construção de um conjunto de salas de cinema na década de 1920. Algumas destas salas estão desativadas atualmente e uma delas é utilizada como igreja pentecostal. Após um período de declínio de sua efervescência artística, há, atualmente, uma revitalização de um dos cinemas onde acontecem vários eventos culturais.

sociabilidade e de autonomia individual e o fechamento nos espaços simbólicos e físicos da casa silencia as próprias experiências de trabalho. Não se trata, portanto, de narrar a própria dimensão do trabalho mas o quão positiva foi, aos olhos de hoje, esta experiência meteórica na juventude.

As mobilidades espaciais e simbólicas que se definiam na juventude das mulheres entrevistadas e logo freadas com a re-introdução na dimensão doméstica e com a adequação aos papéis tradicionais femininos, aparecem nas narrativas sinteticamente em alguns fatos, paisagens, pessoas e objetos e, mais uma vez, as marcas de classe surgem nas ênfases conferidas às mudanças no trajeto de vida.

As lembranças trazem a idéia de que houve, no passado, planos de vida não realizados, mas que ganham a conotação de fracasso apenas quando são lembrados e revistos na velhice. Só então, quando se estabelecem socialmente as condições para que a velhice seja pensada e tomada publicamente como questão social é que novas linguagens são elaboradas para se reconstruir o passado e repensar criticamente sua própria trajetória, como uma forma de socialização em um novo lugar social. Outras formas de se perceber no mundo são criadas, refazendo-se concepções sobre si mesmas e sobre as relações sociais. O corpo velho pode deixar de carregar o peso negativo da mulher que não é mais capaz de procriar e que não é mais atraente para ser, agora, o corpo liberto do controle social. Um corpo plástico sobre o qual cada uma pode ter algum controle. Ir e vir pode não se resumir só a idas a bancos para receber a pensão ou aposentadoria, aos hospitais e aos médicos para cuidar das doenças, ou ainda, à casa de filhos e netos para dar uma ajuda nos trabalhos domésticos. O ir e vir pode ser a busca por diferentes formas de lazer, nos bailes, nas “aulas” nas universidades da terceira idade, nos passeios e nas viagens organizados pelos grupos de atividade para idosos. Passa a contar como valor a própria independência: morar só pode aparecer como um desejo e como uma preferência, mesmo que não se realize. Os limites do privado chegam à própria pessoa e a mulher velha pode até se ver destacada do grupo familiar. A interpretação de suas vidas passa, assim, por um “ordenamento simbólico dos eventos” (Strauss, 1999: 146).

Os avós

O caráter seletivo e social da memória está presente também na revisão das próprias trajetórias de vida relidas a partir das avaliações que são possíveis apenas no momento em que as lembranças são elaboradas. Os avós realizam uma revisão do passado e de seu lugar na família a partir da incorporação de valores mais igualitários nas relações entre pais e filhos e se recriminam dos papéis que assumiram nas relações com estes (Lins de Barros, 1987). Estas avaliações são, porém, pendulares, ora positivas, ora negativas, mostrando as circunstâncias sociais da construção das lembranças e seus efeitos nas diferentes interpretações das relações familiares. Estas mutações de avaliações sobre o passado e o presente revelam, também, as incorporações de mudanças de valores, de re-significações dos papéis sociais e de novas formas de organização da vida familiar das camadas médias urbanas.

As relações entre as gerações de mulheres na família são um bom exemplo destas interpretações variadas das mudanças nas trajetórias. Entre as avós de camadas médias entrevistadas, há uma clara adesão aos projetos de vida das filhas definidos por um ethos mais autônomo, onde o trabalho feminino profissional tem um lugar fundamental. Entretanto, este mesmo trabalho poderia significar uma ameaça aos valores da família quando o projeto individual das jovens mulheres se sobrepunha aos valores familiares. Nesta ocasião, recuperava-se o sentido do trabalho como uma ajuda ao orçamento doméstico, como aliás foi vivenciado por algumas das avós que haviam trabalhado fora de casa.

Memória do trabalho

A referência ao trabalho vai aparecer em outros depoimentos como um valor identitário de uma geração de velhos aposentados da classe trabalhadora. Josimara Delgado (2002) observa como uma geração específica de trabalhadores, aquela que se socializou no mundo do trabalho sob a influência do “trabalhismo brasileiro”,¹³ elabora simbolicamente as transformações sociais, políticas e culturais que marcam o mundo contemporâneo e que estão na sua experiência concreta. A memória destes indivíduos expressa uma identidade de geração baseada em uma moral coletiva, em um consenso sobre a legitimidade da aposentadoria enquanto prática social e enquanto solidariedade coletiva. Suas narrativas definem tempos e experiências distintas das relações de trabalho, e constroem uma crítica do presente quando a aposentadoria é questionada, segundo critérios econômico-contábeis, como um risco à continuidade social e quando os problemas dos mais velhos são remetidos à família. Agora, neste caso, é o mundo do trabalho que organiza as narrativas, como na memória dos velhos mineiros do carvão.

O contraste entre velhas e novas formas de sociabilidade e de relações de trabalho é, também, focalizado por Cornélia Eckert (1997) na memória de velhos mineiros do carvão. A interação nas festas organizadas anualmente retoma a identidade de trabalhador da mina, as referências simbólicas de pertencimento ao grupo e os velhos mineiros reconstróem, a cada evento, sua trajetória e mantêm sociabilidades ameaçadas de extinção.

Sociabilidades e gerações

As pesquisas apresentadas evidenciam a heterogeneidade de experiências de envelhecimento, apontando a coexistência de diferentes padrões de periodização das

13 O trabalhismo no Brasil está associado, no seu início, às legislações trabalhista e social promulgadas no período do Estado Novo (1937-1945) pelo presidente Getúlio Vargas e, em 1945, à fundação do Partido Trabalhista Brasileiro, PTB. A referência no texto ao trabalhismo brasileiro como cultura política está contextualizada neste momento da história das relações políticas no Brasil, marcado por uma forma de compromisso do Estado com as organizações trabalhistas.

fases da vida. Indicam, também, a sociabilidade na casa, no trabalho, nos espaços públicos e no lazer como campos sociais para as construções de identidade de grupos e de gerações e para as elaborações de formas distintas de envelhecer segundo o gênero, os estilos de vida e as situações de classe. E ainda apontam para possibilidades de trânsito entre mundos sociais onde ênfases diferentes são atribuídas à idade, ao trabalho, à família, à construção de si mesmo como um indivíduo singular.

Dentro da categoria velhice há uma pluralidade marcada também por gerações. Como mostra Alda Britto da Motta (2004), a velhice deve ser pensada no plural, não só pela constatação da pluralidade de formas de envelhecer dentro do mesmo grupo etário, mas porque há vários grupos etários dentro desta única denominação genérica de velhice. Ana Amélia Camarano (2004) no estudo do envelhecimento populacional baseado no censo demográfico de 2000, mostra que a população de velhos brasileiros corresponde a um intervalo de 30 anos. Reforça, desta forma, a análise da heterogeneidade deste segmento etário, dadas as diferentes trajetórias de vida. Estas trajetórias são determinadas por inserções diferenciadas na vida social e econômica do país. Vários fatores, apontados igualmente nas pesquisas antropológicas, como as diferenciações por gênero, por situação de classe, por educação, por local de moradia e composição familiar estão presentes. Quanto às diferenças geracionais, Alda Britto da Motta vai distinguir padrões de sociabilidade dos velhos jovens e dos velhos velhos, e a predominância de espaços sociais de interação mais públicos para os primeiros, mais domésticos para os últimos. A importância da percepção de diferentes gerações de velhos coloca em foco formas diferenciadas de interação social na velhice, não apenas distinguidas pelas faixas etárias mas pela emergência de formas de interações “fabricadas” por agentes da gestão da velhice, como os grupos de convivência ou os programas para os idosos. Estas sociabilidades, sugeridas por estes agentes, acabam sendo reconstruídas nos processos interativos (Britto da Motta, 2004: 113).

Sociabilidade e identidade

A idéia básica da sociabilidade como um processo contínuo de constituição de identidades sociais e de distinções sociais é uma marca dos trabalhos sobre a velhice que, entre os pesquisadores brasileiros, têm se concentrado nas áreas urbanas, trazendo para o debate as questões teóricas relativas à sociedade contemporânea. Em um estudo comparativo com pessoas mais velhas no Rio de Janeiro e em Paris, Clarice Peixoto (2000) desenvolve a idéia da relação entre a conquista de alguns espaços da cidade, identificados como “territórios de pertencimento” e a identidade social. Ao apropriar-se destes “territórios”, os idosos desenvolvem sociabilidades e determinados padrões de comportamento, mas com estratégias de interação suficientemente flexíveis para incluir gerações mais jovens e diferentes segmentos sociais. A busca de companhia e de interações não familiares é o que une as pessoas nestes espaços destacados da multidão anônima das cidades. Estas formas de sociabilidade trazem, para os estudos sobre envelhecimento, o

foco nas representações sociais de outras versões da velhice e, sobretudo, da velhice feminina.

Nos “territórios” dos mais velhos, a dança e os jogos criam as regras básicas de sociabilidade entre os frequentadores, onde estão incluídas as transgressões a padrões tradicionais de velhice, como o namoro e os jogos de sedução. Nestes espaços de interação prevalece, ao contrário da velhice estigmatizada, uma versão da experiência de velhice ativa que remete à idéia de juventude.

Mudanças sociais e gerações

A questão das gerações está imbricada com a problemática das mudanças sociais e aparece nas reflexões sobre as formas de sociabilidade e sobre as experiências de vida de diferentes segmentos sociais. A relação entre as idéias de geração e de mudança está, também, presente na percepção do fosso entre as gerações, consequência do ritmo acelerado das transformações sociais e culturais.¹⁴ A percepção da vertigem temporal e da ameaça de rompimento dos laços de sociabilidade deve ser, entretanto, examinada à luz da combinação de elementos aparentemente inconciliáveis de mudança e permanência. A experiência das transformações da vida social e cultural de indivíduos e segmentos sociais e os sentidos conferidos às mudanças devem ser compreendidos como fenômenos da sociedade complexa onde coexistem diferentes códigos culturais (Velho, 1981; 1994).

Das mulheres entrevistadas no final da década de 1970 e aquelas que estão, hoje, nos salões de baile, há uma demarcação geracional que distingue os dois universos femininos, mas não como uma barreira intransponível entre uma e outra experiência de vida. Assistimos, hoje, à disseminação de uma valorização da velhice ativa. Embora a socialização das mulheres que hoje têm mais de 60 anos tenha se pautado por valores tradicionais, em nada diferentes daqueles presentes no processo de socialização das velhas entrevistadas nos anos 70, as mulheres entrevistadas por Andréa Moraes Alves (2004) no século XXI já internalizaram novas concepções de envelhecimento e de velhice. Participar de programas de lazer, ter cuidados com o corpo, não apenas médicos mas também estéticos, introduzir a temática da sexualidade e do erotismo nas suas pautas de conversas e de representação de si são aspectos que só podem fazer sentido no atual contexto urbano. As diferenças geracionais de experiências de envelhecimento estão conectadas às referências de classe, de gênero e de cor. E desta forma a ideologia da terceira idade em sintonia com valores do individualismo pode sofrer também releituras, dependendo da situação social.

Não é apenas a velhice que é percebida em sua pluralidade. As várias gerações convivem com múltiplas concepções de demarcação das idades da vida diferentes daquelas de 60 ou 70 anos atrás, quando os entrevistados idosos de hoje eram jovens. A pluralidade dos critérios de definição das fases da vida como as

14 Ver Richard Sennet (1999), Zigmunt Bauman (2004).

gerações, os níveis de maturidade, a idade cronológica, captada pelas ciências sociais, é concebida, também, como um valor social contemporâneo. As idades não são, assim, entendidas apenas como as referências cronológicas fundamentais para a inserção dos indivíduos na sociedade moderna, cuja organização social regulamenta direitos e deveres de acordo com as idades.

Terceira idade e velhice estigmatizada

Uma das manifestações destas mudanças é vista pela elaboração recente da idéia de terceira idade. Nesta idéia há uma incorporação de fenômenos sociais da sociedade industrializada e urbanizada que Norbert Elias identifica como “o orgulho que têm as pessoas altamente individualizadas de sua independência, sua liberdade e sua capacidade de agir por responsabilidade própria e decidir por si” (Elias, 1994: 108). Traduzidos nos termos dos ideais da terceira idade, a independência, a liberdade, e a capacidade de agir significam a reprivatização da velhice, a qual, segundo Guita Debert (1999), corresponde à responsabilização do indivíduo por seu próprio cuidado e bem-estar. A construção social do conjunto de idéias e práticas sobre a terceira idade se opõe ao estigma da velhice que é percebida como o fim da vida, como doença ou como solidão. Estes dois modelos de envelhecimento coexistem hoje na sociedade, não necessariamente como formas incorporadas nas trajetórias de vida, mas como pautas de questões e de referências para ação. No contexto brasileiro, estes modelos de envelhecimento devem ser pensados em relação às desigualdades sociais que se expressam no enorme contingente de velhos que vivem na pobreza e, portanto, impedidos de aderir aos elementos que compõem o perfil da terceira idade, como o consumo de novas tecnologias e o estilo de vida que assumiu uma imagem homogênea de juventude associada à beleza, à força e à vitalidade.

A imagem estigmatizada tem relações, em nossa sociedade, com o trabalho, ou melhor, com a incapacidade para o trabalho. Júlio Assis Simões (1997) e Clarice Peixoto (2003) no Brasil e Tamara Hareven (1999) nos EUA, entre outros, mostram a associação entre a aposentadoria de trabalhadores e os sinais estigmatizadores da velhice. Apesar da aposentadoria ser um direito reconhecido e muitas vezes desejado, o indivíduo aposentado é visto como um improdutivo, como aquele que não tem mais serventia para o trabalho. Esta imagem deteriorada é acrescida de outros dois aspectos presentes na noção de indivíduo moderno e que estão relacionados às maneiras de lidar com o corpo e com a morte na sociedade contemporânea.

O corpo

As transformações do corpo ao longo da vida ganham significados distintos nos diferentes contextos sociais. Em nossa sociedade a imagem negativa da velhice está associada a um declínio de vitalidade, não só porque já se ultrapassou o ponto máximo da capacidade produtiva como trabalhador, mas porque esta mesma

incapacidade está associada à perda gradual da condição de controle do corpo e da mente (Featherstone, 1994). Os sinais negativos da velhice são denunciados pela perda paulatina ou abrupta destas formas de controle de si, exigindo o domínio do corpo e a vigilância constante da mente. Elias (1994) vai mostrar que o controle do indivíduo sobre seu corpo e suas emoções faz parte do amplo processo de instauração da modernidade, onde os grandes eventos estão remetidos às exigências de mudança de comportamentos e de sentimentos. Os procedimentos de socialização e o aprendizado de conduta nos espaços público e privado são ao mesmo tempo as condições para a modernidade e seus próprios efeitos. Há um anel interligando o controle da natureza, o controle social e o autocontrole (Elias, 1994: 116). Na sociedade moderna, estar no mundo e ser identificado como parte dele fazem parte da percepção de si mesmo e do outro como seres independentes e autônomos e, nesta percepção de si e do outro como membro da sociedade, está implicada a idéia de um corpo circunscrito, que define os espaços de privacidade e intimidade. As idéias de dignidade na velhice, e não só nesta fase da vida, estão associadas a este corpo circunscrito que na velhice é ameaçado pelas diversas intervenções, muitas associadas à própria adequação ao modelo do envelhecimento da terceira idade que mostra, neste aspecto, seu caráter disciplinador.¹⁵

As diferenças de gênero surgem, na velhice, na forma de intervenção diferenciada nos corpos femininos e masculinos. É sobre o corpo feminino que se tem um investimento médico e estético muito mais acentuado, comparativamente aos homens. O cuidado e a intervenção no corpo feminino se iniciam muito cedo na trajetória de vida das mulheres e, hoje, alcançam a velhice através de controle dos sinais corporais do envelhecimento com cirurgias, reposições hormonais, remédios, etc.

A vigilância e este controle de si são expressos de distintas formas quando ouvimos homens e mulheres de diferentes segmentos sociais falarem de si e seu lugar nos diferentes espaços sociais. De operários aposentados senti o medo da dependência física, não só porque trazia um ônus para os mais próximos mas, sobretudo, porque sua própria imagem se desfazia como um indivíduo apto para as diferentes atividades (Lins de Barros e Elias, 1992). Na pesquisa com as mulheres de camadas médias, havia uma forma elaborada de cuidado com o corpo e uma atenção à mente que era fundamental para a compreensão delas mesmas como indivíduos aptos para a missão que colocaram para si (Lins de Barros, [1981] 2003). Estas mulheres com projetos de vida bem definidos para a velhice estão alertas aos mínimos sinais de falência que podem comprometer seu projeto de vida. Da mesma forma a atenção sobre si deve ser especializada e parcializada. Em nossa sociedade, os indivíduos não se percebem envelhecer como uma totalidade. A idéia tão difundida, atualmente, da velhice como um estado de espírito, dissocia a aparência decaída do corpo, da vivacidade e juventude do espírito. As mãos podem ser ágeis como na juventude, embora a visão tenha perdido sua acuidade (Britto da Motta, 2002).

15 Estou me utilizando aqui da idéia de Caldeira (2000) de circunscrição do corpo como uma referência aos direitos do indivíduo na sociedade moderna. Em seu estudo sobre democracia e violência no Brasil, Caldeira trabalha a negação deste direito e, portanto, o corpo do indivíduo violado e violentado é um corpo incircunscrito.

Ainda dentro dos debates sobre as concepções sobre o indivíduo moderno, vemos, nas políticas públicas relativas aos velhos deficientes e aos deficientes em geral, a idéia dos direitos retomar o argumento da dignidade do corpo humano, agora entendido por suas deficiências. Discute-se, neste campo, as definições e as formas de coleta de informação para a formulação das políticas públicas. O modelo médico para definição da população deficiente, que a identifica pela impossibilidade individual de estar capacitado para a vida social de forma autônoma e independente, é contraposto, hoje, a um argumento de ordem social. Nesta argumentação, o critério das limitações físicas é repensado para apresentar a deficiência como uma experiência social e, mais do que isto, ampliar esta experiência para a família com claros recortes de gênero.¹⁶ O critério baseado no grau de dificuldade para a realização de tarefas que baliza as informações censitárias tem que se confrontar, de qualquer forma, com a pluralidade de compreensões e de usos do corpo humano e com as dificuldades de expressão pública do corpo não adaptado a este mundo.

Finitude

Os sinais da velhice são, também, indícios da finitude. Norbert Elias (2001) identifica em nossa sociedade uma tendência maior a um isolamento social dos que estão próximos da morte, como os velhos e, sobretudo, os velhos doentes. As respostas às perguntas sobre a finitude humana, presentes em todas as sociedades, estão na sociedade moderna deslocadas dos sistemas de crença religiosa para os sistemas de crenças seculares, como a medicina, ou combinam estes dois sistemas com ênfases variadas em um ou outro. Não se morre mais em casa, com a família, diz Philippe Ariès (1981) e Norbert Elias (*op. cit.*), mas nos hospitais. Pelo menos nas sociedades desenvolvidas que são as referências históricas dos dois autores e do que se entende como a concepção moderna da morte. A proximidade da morte faz, também, com que não sejam criadas identificações sociais com os mais velhos, daí seu isolamento que, somado às mudanças e perdas de status e de poder, fazem da combinação velhice-morte um tabu social. Há, também, um encobrimento da morte e a dificuldade da sociedade contemporânea lidar com o fim da vida. Uma sociedade que elegeu a juventude como modelo. Hoje novas formas de lidar com a morte estão presentes no modelo médico dos cuidados paliativos. Rachel Aisengart Menezes (2004) vai identificar na proposta de “humanização” da morte novas formas de defesa contra a própria idéia de morte que, embora não seja ocultada, deve ser controlada e administrada para que possa ser visível socialmente. Entre os procedimentos desta humanização está a idéia de que o doente deve cuidar de seu corpo, manter uma boa aparência física com um controle de si dentro dos padrões de civilização. Ao mesmo tempo, pretende-se que este doente faça um resgate de suas relações, que restabeleça vínculos e admita culpas e perdoe.

16 Marcelo Medeiros e Débora Diniz (2004) mostram a influência da perspectiva feminista na revisão do modelo médico de deficiência.

Retomo pela segunda vez a linguagem cinematográfica. Lançado em 2003 no Brasil, o último filme do cineasta canadense Denys Arcand, *Invasões Bárbaras*, traz a temática da morte contemporânea. O enredo descreve como o personagem principal, Rémy, estabelece os processos que o levarão à morte entre amigos e familiares. Rémy mantém o controle de sua vida até tomar a decisão de seu fim. Rémy administrou a própria morte. *Invasões Bárbaras* traz de volta os personagens principais e o cenário do filme de Arcand da década de 1980: *O Declínio do Império Americano*. O grupo de amigos, professores universitários canadenses que, na década de 1970, se reúnem para falar de si mesmos e da sociedade em que vivem, voltam à cena quase 20 anos depois. Naquela ocasião a família, a revolução sexual, a homossexualidade, a utopia política nos projetos de esquerda são temas focalizados. Estes assuntos retornam neste filme, mas agora são examinados pelos personagens mais como memória do que como projeto. A morte assume o lugar central do drama.

Não muito distante destas indicações para a boa morte estão as regras de bem viver a velhice. Em recente edição do programa de O Globo Réporter da TV Globo¹⁷ a reportagem trazia situações consideradas emblemáticas para viver o processo de envelhecimento. Ao final do programa realizou-se uma espécie de resumo das regras apresentadas em cada segmento do programa definindo os conceitos da qualidade de vida. São estas as regras: trabalhar faz bem à saúde, mesmo com mais de 90 anos como era o caso da senhora entrevistada; trabalhar, mas dar tempo para exercitar o corpo; perdoar e ser altruísta.

Construiu-se um conjunto de saberes, de técnicas de intervenção e uma nova sensibilidade em relação à velhice, que a apresentam como um problema social e, simultaneamente, indicam uma alternativa positiva de se viver esta fase da vida. A juventude é eleita como modelo a ser seguido, e não é mais compreendida como um momento da vida, mas como um modo específico de representação de si, um modelo de comportamento e de expressão das emoções. A juventude, positivada neste modelo, apresenta-se como um contraste à velhice e como um padrão de vida que deve ser estendido a todas as faixas etárias. A velhice estigmatizada, por outro lado, não desaparece de nossa realidade. Ela é colocada, apenas, em outro lugar e adiada para outro tempo da vida de cada um de nós.

Demografia, antropologia e família

A coexistência de significados e experiências de velhice se dá em um processo de mudanças significativas na vida familiar dos diferentes segmentos sociais no Brasil. As pesquisas antropológicas, sociológicas e as análises demográficas têm apresentado um quadro de transformações composto de fatores de ordem econômica, social e cultural.

As análises demográficas indicam algumas mudanças recentes no perfil das famílias e das trocas intergeracionais.¹⁸ De acordo com o censo demográfico de

17 O programa foi ao ar no final de Agosto de 2005.

2000, a população de mais de 60 anos corresponde a 8,6% da população brasileira. Dos 15 milhões de idosos, as mulheres são mais numerosas e representam 55% desta população. Os dados que se referem às relações intergeracionais trazem um panorama social que está relacionado ao desemprego dos mais jovens e ao aumento proporcional de renda dos mais velhos, proveniente das aposentadorias, das pensões e dos benefícios de prestação continuada. Hoje, um número maior de pessoas é beneficiado em comparação com o último censo de 1991 (Saboia, 2004). Nos domicílios em que vivem os idosos, eles representam 86,5% dos chefes de família e 20% em relação ao total de domicílios no país. Nas trocas intergeracionais, a direção das contribuições e dos apoios se dá dos mais velhos para os mais moços, mesmo entre familiares que não residem na mesma casa. Os filhos passam, assim, a dependentes dos pais velhos. As famílias com idosos estão em melhores condições econômicas, o que significa que são menos pobres relativamente. (Camarano, 2004).

A rápida apresentação destes dados não inclui um número enorme de análises de cruzamentos de dados realizados pelos pesquisadores e as indicações para planejamentos de políticas públicas. Mas as referências às análises mais qualitativas das pesquisas antropológicas estão contidas nas avaliações dos dados censitários.

O debate mais focalizado sobre família e gerações tem estado presente nas pesquisas sobre velhice e abarca alguns temas também presentes nos estudos demográficos.

A volta ao trabalho

A volta ao trabalho ou a continuidade no mercado de trabalho mesmo após a aposentadoria é analisada por Clarice Peixoto (2004) a partir de entrevistas com mulheres e homens. Dois aspectos estão presentes nesta situação: a importância dos mais velhos como provedores na família se faz em um momento em que o mercado de trabalho se retrai para os mais jovens e que o divórcio é mais comum, trazendo os filhos adultos para a casa dos pais e estabelecendo uma determinada forma de solidariedade familiar.

Este aspecto está mais presente entre aqueles em situação econômica mais precária, mas não deixa de ser uma das razões que levam aposentados com maior escolaridade e renda a continuar trabalhando para manter o consumo e uma posição vantajosa nas relações de trocas entre as gerações. A estas razões associam-se as que se referem à importância dada às atividades não recreativas fora de casa para “preencher a vida” e se sentir útil. A imagem de si como provedores e não como velhos aposentados, ao lado da necessidade econômica, é uma forma de manter o lugar de centralidade de autoridade na família e de autonomia e independência

18 Estou trabalhando com os dados e análises sobre o perfil da população das pessoas com 60 anos ou mais apresentadas por Ana Amélia Camarano e outros no livro *Os Novos Idosos Brasileiros. Muito Além dos 60?* Rio de Janeiro, IPEA, 2004.

como indivíduo. No universo de trabalhadores aposentados, militantes dos movimentos dos aposentados estudados por Júlio Assis Simões (2004), a volta ao trabalho tem também esta mesma significação: por necessidade, e neste caso é considerado indigno e moralmente ilegítimo e, como um meio de conservar a saúde física e mental. Evidencia-se nestas situações a experiência de famílias de três ou quatro gerações.

A partir da temática da velhice e da perspectiva dos mais velhos, são examinadas as redes sociais, a solidariedade familiar, a autonomia e a independência dos indivíduos na família nas diferentes gerações, a responsabilidade e sentido de obrigatoriedade em relação aos mais velhos e aos mais jovens, o conflito e a violência contra idosos. Este tema começa a ser trabalhado, obrigando a se pensar na violência doméstica por um outro ângulo e a examinar as várias motivações para as agressões, inclusive as de ordem financeira, como identifica Guita Debert (2001).¹⁹

Retomando o tema das relações intergeracionais e tendo como cenário a feminização da velhice e a heterogeneidade de arranjos familiares é, também, importante se perguntar sobre a velhice das mulheres que vivem hoje a situação de estar entre pais longevos e filhos, jovens adultos, mas dependentes, situação que se tornou mais comum e que afeta diretamente esta geração. Nesta perspectiva, a organização da família deve levar em conta a posição da mulher no ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. As transformações contemporâneas nas relações familiares apresentam um quadro de mudanças e de permanências onde coexistem valores tradicionais e modernos, sobretudo na família urbana, que é um espaço tenso de relações hierárquicas, por um lado, e por outro, espaço de socialização de indivíduos.

Além do envelhecimento populacional e da feminização da velhice, algumas tendências acompanham estas mudanças. As alianças fragmentadas com períodos intermitentes de casamento, a matrifocalidade, a fluidez de arranjos domésticos e as rearrumações das relações de poder na família são algumas destas tendências (Scott, 2001; Goldani, 2001; e Fonseca, 2004).²⁰

Uma das faces das relações entre gerações está na transmissão de modelos de envelhecimento. Nas cinco primeiras décadas do século XX nasceram mulheres que foram socializadas para serem donas de casa e submissas aos pais e maridos. Para elas, a velhice e a viuvez vêm representar uma liberdade e a primeira experiência de autonomia, embora Alda Britto Motta (2004) e Andréa Moraes Alves (2004) apontem o caráter ambíguo desta autonomia. Nas entrevistas e depoimentos de história de vida que venho colhendo ao longo das pesquisas, as mulheres de diferentes segmentos sociais falam de forma crítica de seu passado, apontando o cerceamento das atividades e da mobilidade espacial e social. Essa visão crítica só se torna possível numa sociedade que colocou em questão o lugar tradicional da mulher e que deu nova significação à velhice e ao lugar da mulher na sociedade e na família.

19 Ver, por exemplo, Guita Grin Debert (2001) e Maria Cecília Minayo (2003).

20 Claudia Fonseca aprofunda a discussão sobre a matrifocalidade nas famílias de grupos populares, discutindo as relações de poder e as redes de ajuda mútua onde a mulher é o centro.

Na década de 1970, quando realizei as primeiras entrevistas com idosas (Lins de Barros, 2003), a ideologia da terceira idade não estava francamente disseminada na nossa sociedade. Não estava presente nos meios de comunicação e nem nos programas e atividades para idosos. Considerei suas experiências de vida como uma forma alternativa de velhice que se caracterizava por uma exacerbação do mundo público e de atividades profissionais e a rejeição ao estigma atribuído à idade. A velhice mais ativa naquele momento (década de 1970) estava diretamente referida à própria trajetória de vida e contrariava, naquele instante, valores dominantes da geração delas, porque basicamente o modelo era circunscrever as mulheres idosas na família. Diferentes das idosas que entrevistei na década de 1970, as idosas do século XXI têm outras possibilidades de compreender e viver a velhice.

A perspectiva interessante, então, que se vislumbra à nossa frente é acompanhar o processo de envelhecimento de uma geração de mulheres nascidas a partir da metade final da década de 1940 até meados da década de 1950, que acompanharam as repercussões dos movimentos feministas, que colocaram em questão os esquemas de hierarquia e de responsabilidades no núcleo doméstico, que têm o trabalho e a vida profissional como uma das áreas fundamentais da sua identidade e que tiveram acesso ao controle de natalidade e aos ideais de liberdade e auto-suficiência individual como um valor a ser seguido e não alcançado apenas na velhice.

A autonomia das mulheres em determinados contextos sociais é resultado de transformações de valores e de quadros de referência que se apresentam como um processo de individualização, como a literatura sobre mulher tem enfatizado. Entender o lugar que ocupam, hoje, entre duas gerações que lhes demandam cuidados e atenção, é importante para compreender as percepções que têm de si mesmas como indivíduo, o campo de possibilidades de ação e os conflitos entre princípios hierárquicos e individualistas regidos por lógicas conflitantes a que estão submetidas neste momento do curso da vida. Ao mesmo tempo, esta experiência de vida pode apontar para as questões sociais que envolvem os cuidados com os mais velhos, a divisão do trabalho doméstico e dar subsídios para pensar o lugar da mulher no mercado de trabalho. Portanto, pesquisar suas biografias pode ser um caminho para entender as relações de gênero e de geração na sociedade brasileira contemporânea.

Novos filmes, novas imagens

Novos velhos e velhas aparecem nas cenas urbanas cariocas no século XXI. Em *Do Outro Lado da Rua*, filme de Marcos Bernstein, lançado em 2004, os atores Fernanda Montenegro e Raul Cortez vivem uma experiência de velhice em Copacabana e uma relação nestes novos tempos. Regina (Fernanda Montenegro) é uma mulher de 65 anos que vive em Copacabana com sua cachorrinha vira-lata. Embora o filho e neto morem no mesmo bairro, Regina leva uma vida independente e marcada pela solidão, expressa em várias cenas da mulher sozinha em seu apartamento escuro ou nas ruas do bairro, como mais um ser no meio na multidão. Para esquecer a solidão e se distrair ela participa de um serviço da polícia, no qual aposentados denunciam pequenos delitos.

Fiscalizando com seu binóculo o que acontece nos prédios do outro lado da rua, Regina presencia, em uma noite, o que lhe parece ser um homem matando sua mulher com uma injeção. Ela chama a polícia, mas é desacreditada. Regina resolve, então, provar que estava certa e acaba se envolvendo com o suposto assassino. Este, também, é um homem solitário e abalado pela doença e morte da mulher. O encontro dos dois permite uma reavaliação das suas vidas e a possibilidade de novos projetos.

Copacabana, já há muito tratada pelo cinema, pela literatura e pela antropologia desde *A Utopia Urbana* de Gilberto Velho, é o cenário onde os dois indivíduos solitários, como convém a uma cena em uma grande metrópole, constroem e reconstróem experiências de velhice entre as várias possíveis na sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas

- Alves, Andréa Moraes (2001), "Velhice, mudança social e percepção do risco", em G. Velho e K. Kuschner (orgs.), *Mediação, Cultura e Política*, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, pp. 213-236.
- Alves, Andréa Moraes (2004), *A Dama e o Cavaleiro: Um Estudo Antropológico sobre Envelhecimento, Gênero e Sociabilidade*, Rio de Janeiro, FGV Editora.
- Ariès, Philippe (1981), *A História Social da Família e da Criança*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Zygmunt (2004), *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Benjamin, Walter (1987), "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo, Ed. Brasiliense, pp. 197-221.
- Bosi, Ecléa (1979), *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, São Paulo, Biblioteca de Ciências Humanas, USP.
- Bourdieu, Pierre (1996), *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Ação*. São Paulo, Papirus.
- Britto da Motta, Alda (2002), "Envelhecimento e sentimento do corpo", em M.C. de S. Minayo e C.E.A. Coimbra Jr. (orgs.), *Antropologia, Saúde e Envelhecimento* (coleção Antropologia e Saúde), Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, pp. 37-50.
- Britto da Motta, Alda (2004), "Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional", em C.E. Peixoto (org.), *Família e Envelhecimento* (coleção Família, Geração e Cultura), Rio de Janeiro, FGV Editora, pp. 109-144.
- Caldeira, Teresa Pires do Rio (2000), *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*, São Paulo, Editora 34/Edusp.
- Camarano, Ana Amélia (org.) (2004), *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?*, Rio de Janeiro, IPEA.
- Candido, Antonio (1982), "A vida ao rés do chão", *Para Gostar de Ler* (Crônicas Brasileiras, 5), São Paulo, Ed Ática, pp. 4-13.
- Da Matta, Roberto (1979), *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Debert, Guita Grin (1999), *A Reinvenção da Velhice*, São Paulo, Edusp/Fapesp.
- Debert, Guita Grin (2001), "A família e as novas políticas sociais no contexto brasileiro". *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, 3 (2), Julho-Dezembro, pp. 71-92.

- Delgado, Josimara (2002), "Memória e contemporaneidade: a experiência dos velhos trabalhadores aposentados", *Praia Vermelha: Estudos de Política e Teoria Social*, 6, 1.º semestre, pp. 122-143.
- Eckert, Cornélia (1997), "A saudade em festa e a ética da lembrança", *Estudos Feministas*, 5 (1), pp. 182-192.
- Eckert, Cornélia (2002), "A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre", em M. C. de S. Minayo e C. E. A. Coimbra Jr. (orgs.), *Antropologia, Saúde e Envelhecimento* (coleção Antropologia e Saúde), Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, pp. 73-102.
- Elias, Norbert (1994), *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Elias, Norbert (2001), *A Solidão dos Moribundos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Featherstone, Mike (1994), "O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo", em G. G. Debert (org.), *Antropologia e Velhice* (série *Textos Didáticos*, 13), Campinas, IFCH/Unicamp, pp. 45-64.
- Fonseca, Claudia (2004), *Família, Fofoca e Honra: Etnografia de Relações de Gênero e Violência em Grupos Populares*, Porto Alegre, UFRGS Editora.
- Geertz, Clifford (1978), *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Goldani, A. M. (2001), "As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação", *Gênero em Tópicos: Leituras a Partir do Brasil*, Núcleo de Estudos de Gênero — PAGU / UNICAMP. [CD-ROM]
- Guedes, Simoni L. (1998), "Redes de parentesco e considerações entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir dos quintais", *Caderno CRH (Centro de Recursos Humanos/UFBa)*, 29, Julho-Dezembro, pp. 189-208.
- Halbwachs, Maurice (1968), *La Mémoire Collective*, Paris, PUF.
- Hareven, Tâmara (1999), "Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida", *Cadernos PAGU*, 13, pp. 11-36.
- Lins de Barros, Myriam Moraes (1981), "Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice", *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, vol. 2, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 11-70.
- Lins de Barros, Myriam Moraes (1987), *Autoridade e Afeto: Avós, Filhos e Netos na Família Brasileira*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Lins de Barros, Myriam Moraes (1997a), "O passado no presente: aos 70 falando do Rio de Janeiro", *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 4, pp. 91-119.
- Lins de Barros, Myriam Moraes (1997b), "Densidade da memória, trajetória e projeto de vida", *Estudos Feministas*, 5 (1), pp. 140-147.
- Lins de Barros, Myriam Moraes (1999), "A cidade dos velhos", em G. Velho (org.), *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 43-57.
- Lins de Barros, Myriam Moraes (2001), "Redes sociais e cotidiano de velhos num subúrbio carioca", *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, 3 (2), Julho-Dezembro, pp. 233-246.
- Lins de Barros, Myriam Moraes (2003), "Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice", em M. M. Lins de Barros (org.), *Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política* (3.ª ed.), Rio de Janeiro, FGV Editora, pp. 113-168.

- Lins de Barros, Myriam Moraes (2006), "Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas", em M. M. Lins de Barros, *Família e Gerações*, Rio de Janeiro, Editora FGV, pp. 17-38.
- Lins de Barros, Myriam Moraes, e Roseli Elias (1992), "O perfil dos idosos do Município de Angra dos Reis", *Cadernos CEAS*, 141, Setembro-Outubro, pp. 52-66.
- Mannheim, Karl (1982), *Sociologia*. Marialice M. Foracchi (org.), São Paulo, Ática.
- Medeiros, Marcelo, e Débora Diniz (2004), "Envelhecimento e deficiência", em A. A. Camarano (org.), *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?*, Rio de Janeiro, IPEA, pp. 107-120.
- Menezes, Rachel Aisengart (2004), *Em Busca da Boa Morte: Antropologia dos Cuidados Paliativos*, Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz/Garamond Universitária.
- Minayo, Maria Cecília de Souza (2003), "Violência contra idosos: relevância para um velho problema", *Cadernos de Saúde Pública*, 19 (3), pp. 783-791.
- Peixoto, Clarice Ehlers (2000), *Envelhecimento e Imagem: As Fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*, São Paulo, Annablume.
- Peixoto, Clarice Ehlers (2003), "Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...", em M. M. Lins de Barros (org.), *Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política* (3.ª ed.), Rio de Janeiro, FGV Editora, pp. 69-84.
- Peixoto, Clarice Ehlers (2004), "Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar", em C. E. Peixoto (org.), *Família e Envelhecimento* (coleção Família, Geração e Cultura), Rio de Janeiro, FGV Editora, pp. 57-84.
- Saboia, João (2004), "Benefícios não-contributivos e combate à pobreza de idosos no Brasil", em A. A. Camarano (org.), *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?*, Rio de Janeiro, IPEA, pp. 353-410.
- Scott, Russel, Parry (2001), "Famílias sem casais e a diversidade conjugal no Brasil", *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, 3 (2), pp. 93-112.
- Sennet, Richard (1999), *A Corrosão do Caráter: Consequências Pessoais do Trabalho no Novo Capitalismo*, Rio de Janeiro, Record.
- Simmel, Georg (1973), "A metrópole e a vida mental", em O. G. Velho (org.), *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 11-25.
- Simões, Júlio Assis (1997), "Solidariedade intergeracional e a reforma da previdência". *Estudos Feministas*, 5 (1), pp. 169-181.
- Simões, Júlio Assis (2004), "Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública", em C. E. Peixoto (org.), *Família e Envelhecimento* (coleção Família, Geração e Cultura), Rio de Janeiro, FGV Editora, pp. 25-56.
- Strauss, Anselm L. (1999), *Espelhos e Máscaras*, São Paulo, Edusp.
- Velho, Gilberto (1978), *A Utopia Urbana: Um Estudo de Antropologia Social* (3.ª ed.), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Velho, Gilberto (1981), *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Velho, Gilberto (1994), *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Myriam Moraes Lins de Barros. Professora titular da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutora em antropologia social.
mlbarros@ess.ufrj.br

Resumo/abstract/résumé/resumen

Trajatória dos estudos de velhice no Brasil

Este artigo pretende traçar a trajetória das pesquisas antropológicas sobre velhice realizadas no Brasil desde a década de 1970, e apresentar as discussões atuais e seus desdobramentos em projetos de investigação. Dentro do campo de estudos sobre velhice foram escolhidas algumas temáticas: identidade social, memória, trajetória de vida, sociabilidade, espaço urbano, trabalho e aposentadoria, gênero, família e corpo. O recorte histórico procurou apontar as questões teóricas que foram sendo incorporadas aos estudos, acompanhando os debates antropológicos sobre a sociedade contemporânea ao mesmo tempo em que mostra a possível interlocução da antropologia com outras áreas de conhecimento e com os problemas sociais da própria sociedade brasileira.

Palavras-chave velhice, antropologia urbana brasileira, memória.

The trajectory of aging studies in Brazil

This article endeavours to trace the course of anthropological studies on aging carried out in Brazil since the 1970s and to present current discussions and their developments in research projects. Certain topics were selected within the field of studies on aging: social identity, memory, life courses, sociability, urban space, work and retirement, gender, family and the body. The historical picture sought to indicate the theoretical questions that have been emerging in the studies, accompanying the anthropological debates on contemporary society while showing the possible dialogue between anthropology and other areas of knowledge, on the one hand, and the social problems of Brazilian society itself, on the other.

Key-words aging, Brazilian urban anthropology, memory.

Trajectoire des études sur la vieillesse au Brésil

Cet article retrace la trajectoire des recherches anthropologiques sur la vieillesse réalisées au Brésil depuis les années 70, tout en présentant les débats actuels et les projets de recherche les concernant. Dans le domaine des études sur la vieillesse, plusieurs thématiques ont été retenues: identité sociale, mémoire, trajectoire de vie, sociabilité, espace urbain, travail et retraite, genre, famille et corps.

Le découpage historique souligne les questions théoriques qui ont été incorporées dans les études, accompagnant les débats anthropologiques sur la société contemporaine, tout en montrant l'interlocution possible de l'anthropologie avec les autres domaines de la connaissance et avec les problèmes sociaux de la société brésilienne.

Mots-clés veillesse, anthropologie urbaine brésilienne, mémoire.

Trayectoria de los estudios de vejez en Brasil

Este artículo pretende trazar la trayectoria de los estudios antropológicos sobre la vejez, realizados en Brasil desde la década de 1970 y presentar las discusiones actuales y sus desdoblamientos en proyectos de investigación. Dentro del campo de estudios sobre la vejez, fueron escogidas algunas temáticas: identidad social, memoria, trayectoria de vida, sociabilidad, espacio urbano, trabajo y reposo, género, familia y cuerpo. El recorte histórico intentó apuntar a las cuestiones teóricas que fueron siendo incorporadas a los estudios, acompañando los debates antropológicos sobre la sociedad contemporánea al mismo tiempo en que muestra la posible interlocución de la antropología con otras áreas de conocimiento y con los problemas sociales de la propia sociedad brasileña.

Palabras-clave vejez, antropología urbana brasileña, memoria.